

Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*

de Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez anuncia a primavera para as rosas negras

Lélia Gonzalez announcing spring for black roses

por Tamires Guimarães do Nascimento**

*O choro ecoou pela casa pouco antes da porta do quarto ser aberta.
A parteira, com um grande sorriso nos lábios,
deu a notícia a todas/os que esperavam ansiosas/os na sala:
“É uma menina!”.*

Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras é título dado à coletânea, organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA) que reuniu, se não todos, a imensa maioria dos textos da intelectual feminista negra brasileira Lélia Gonzalez. Pela primeira vez, a jovem geração de intelectuais e ativistas negras, que cresce no país, poderá ter acesso ao conjunto da produção bibliográfica da autora que revolucionou os estudos sobre a mulher negra no Brasil.

O livro é cuidadosamente apresentado por Raquel Barreto, jovem feminista negra que, desde sua dissertação de mestrado (Barreto, 2005), se dedica a investigar a trajetória de nossa rosa azeviche. Da dificuldade com os termos

* São Paulo: Diáspora Africana, 2018, 472 p.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: tamii.taguina@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2821-548X>

“embolados” que Lélia recupera da psicanálise freudiana e lacaniana, do diálogo com Althusser, das críticas ao pensamento social (racista) brasileiro e dos embates com o movimento feminista, com reivindicações que escamoteiam a dominação e a exploração presentes na relação entre mulheres brancas e negras, vão sendo tecidas as ideias teóricas de Gonzalez.

Ao longo da obra, torna-se evidente a impossibilidade de separar a vida pessoal da militância acadêmica e política da intelectual negra. E vamos percebendo que Lélia, como a maior parte das mulheres negras brasileiras, passou por um processo violento de busca pela brancura, negando a si mesma. Somente na fase adulta, após um episódio traumático em sua vida amorosa, ela começa a buscar sua ancestralidade africana e, neste processo, ela faz o caminho de volta às origens até definitivamente tornar-se negra¹.

Mas, então, quem foi Lélia Gonzalez? Pergunta feita com frequência por muito(a)s, pois infelizmente, como observou Sueli Carneiro em entrevista a Ana Flávia Magalhães Pinto e Felipe Freitas (2017, p. 220), embora o movimento negro tenha produzido grandes intelectuais, este(a)s nunca foram reconhecido(a)s pela academia convencional. Lélia, apesar de sua farta produção teórica, permanecia uma desconhecida no ambiente letrado da *intelligensia* brasileira.

A autora, dona de um sorriso largo e contagiante, veio ao mundo em 1935. Foi a décima-sétima de dezoito filhos do ferroviário negro, Acácio Joaquim de Almeida, e da empregada doméstica, de ascendência indígena, Urcinda Seraphina de Almeida. Passou parte de sua infância em Belo Horizonte-MG, depois se mudou com a família para o Rio de Janeiro em 1942, a convite do irmão, Jaime de Almeida, jogador de futebol contratado pelo “Framengo”². Ela “teve a oportunidade de estudar muito mais do que seus irmãos, o que não a isentou de precisar trabalhar, ainda muito nova, como babá” (Barreto, 2018, p. 15).

Nessa família, como a própria Lélia registrou em depoimento, “todos trabalhavam, ninguém passava da escola primária, mesmo porque o esquema ideológico internalizado pela família era esse: estudava-se até a escola primária e, depois, todo mundo ia à batalha em termos de trabalho para ajudar a sustentar o resto da família” (Gonzalez, 2018, p. 82). Sendo a penúltima filha, os pais a tratavam como neta, o que possibilitou que ela tivesse maiores oportunidades que os irmãos (2018, p. 82).

Em seu depoimento, o quinto capítulo do livro, Lélia observa que passou por um processo de “lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro”

¹ Referência oposta à violência do racismo no processo de construção do ser negro, como apontado no livro de *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza (1983).

² A autora faz alusão ao conceito de *pretuguês*, que será desenvolvido mais à frente.

(2018, p. 82). E, segundo a autora, quanto mais aprofundava seus conhecimentos, mais ela rejeitava sua condição de negra. Assim, dizia Lélia, na “faculdade eu já era uma pessoa de cuca já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema” (2018, p. 83). Fez o ensino superior em história e geografia. Depois, em 1962, também concluiu o curso de Filosofia, na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela rompeu, portanto, “a barreira social que fazia rara a presença negra em sala de aula, sobretudo a feminina” (Barbosa, 2015, p. 43). As contradições começaram a ficar explícitas a partir deste momento. Na faculdade, era considerada a “pretinha legal”. O problema foi se casar com Luiz Carlos González, de origem espanhola. O embranquecimento pelo qual a autora passou não a tornou menos negra aos olhos da família de seu companheiro: “A família do meu marido achava que nosso regime matrimonial era como eu chamo, de *concupinagem*, porque mulher negra não se casa legalmente com homem branco” (2018, p. 83). Luiz Carlos não suportou o peso do racismo e suicidou-se. Como símbolo do amor e consideração pelo marido, mas também em sinal de resistência ao racismo, Lélia manteve o sobrenome Gonzalez até o fim da vida. Esta experiência de dor marcou profundamente a vida e a obra de Lélia Gonzalez que, desde então, iniciou uma profunda mudança envolvendo pessoal e em sua trajetória teórica e política. Lélia decidiu enegrecer! Nascia ali, política e teoricamente, a nossa rosa de ébano!

As reflexões de Lélia, resultados visíveis deste seu processo de amadurecimento intelectual, encontram-se reunidas na coletânea em pauta. São quarenta e cinco registros de artigos acadêmicos, cartas, debates, depoimentos, entrevistas, relatos de viagem etc. Além disso, ao final do livro encontramos anexados quatro documentos: a homenagem feita por Luiza Bairros – reconhecida intelectual e legendária ativista do movimento negro – na ocasião da morte de Lélia, em 1994; duas entrevistas, sendo a primeira com Milton Barbosa – fundador ativo do Movimento Negro Unificado – e a segunda com Elizabeth Viana – militante do coletivo de mulheres negras, fundado por Lélia, e estudiosa do pensamento de Gonzalez; e, por fim, a entrevista que a autora concedeu ao periódico estadunidense *The Brazilians*.

O todo reunido nesta obra que, de certa forma, já nasceu clássica, nos leva diretamente ao coração das inquietações teóricas e práticas de Lélia Gonzalez. O racismo ocupa um lugar central no pensamento da autora, o que a leva a considerá-lo, ao lado do sexismo, uma verdadeira neurose da cultura brasileira (2018, p. 190-214)³.

³ Trata-se de um dos textos mais conhecidos de Lélia Gonzalez, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, apresentado e debatido, em 1980, no Encontro Anual da Associação dos Pós-Graduandos em Ciências Sociais (ANPOCS).

Seus estudos a levam a questionar os alicerces do pensamento social brasileiro e da cultura nacional, principalmente o mito da democracia racial, isto é, a ideia de que existiu uma “harmonia” nas relações sexuais entre portugueses e mulheres negras. Ao contrário do romantismo propagado, sobretudo, por Gilberto Freyre, estas relações resultam da violência que a minoria branca impôs às mulheres negras. O maior efeito da crença freyriana foi o de que, graças à miscigenação, o racismo é inexistente aqui no país tropical, onde pairaria uma suposta democracia racial⁴.

Este discurso também apresenta a *Mãe Preta* e o *Pai João* como símbolos de integração e de harmonia racial no Brasil. Para a autora, ambos são explorados pela ideologia oficial e, longe da passividade e do comodismo, Lélia demonstra que, para sobreviver às dores e humilhações da escravidão, foi necessário construir uma *resistência passiva* para enfrentar as situações de opressão e exploração, nas lavouras e/ou no interior da casa-grande, onde, especialmente as mulheres escravizadas, tiveram de lidar com as investidas sexuais dos senhores.

As referências lacanianas de Lélia a conduzem a perceber um traço fundamental na *resistência passiva*: “conscientemente ou não, passaram para o brasileiro ‘branco’ as categorias das culturas africanas de que eram representantes” (2018, p. 40). Desta observação, Lélia assinala que coube à *Mãe Preta* a africanização do português falado no Brasil, o *pretuguês* e, logo, a própria africanização da cultura brasileira. Isto significa que, apesar do racismo, a linguagem, como fator de humanização, produziu uma cultura brasileira eminentemente negra.

Outro conceito cunhado por Lélia, o de *amefricanidade*, demonstra que suas reflexões extrapolavam o território nacional e traziam elementos para compreender a dinâmica cultural produzida na diáspora. Este esforço teórico e político de Lélia Gonzalez a leva a inaugurar um pensamento interseccional demonstrando que a articulação de sexo, de raça e de classe produz efeitos violentos, em particular, sobre as mulheres negras.

Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa é leitura fundamental para conhecermos as entranhas das relações sociais no Brasil, onde racismo e violência patriarcal encontram-se entrelaçados ao bom desenvolvimento do capitalismo na especificidade da formação social brasileira.

⁴ Esta outra grande referência de Gonzalez, “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica”, foi publicada originalmente no livro *Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*, organizado por Madel Luz (1981).

Referências

- BARBOSA, Paulo Corrêa. *Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história*. Brasília: ABravídeo, 2015.
- BARRETO, Raquel. Introdução: Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- _____. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- LUZ, Madel (org.). *Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães; FREITAS, Felipe da Silva. Luiza Bairros, uma “bem lembrada” entre nós (1953-2016). *Afro-Ásia*, n. 55, 2017.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.